



INTERCÂMBIO

A tríade de Hildegarda de Bingen: Deus, ser humano e natureza

Hildegard of Bingen's triad: God, human being and nature

Michele de Oliveira Jimenez*
Terezinha Oliveira**

Resumo: O objetivo deste trabalho foi analisar como Hildegarda de Bingen (1098-1179) defendeu o equilíbrio na relação estabelecida a partir da tríade Deus – ser humano – natureza e a interdependência entre eles. As fontes escolhidas foram: a) Explicación del Credo de San Atanasio, que dió Santa Hildegarda a su Congregación de Hermanas; b) Libro de las Causas y Remedios de las Enfermedades. Este trabalho foi baseado na pesquisa bibliográfica em fontes primárias e secundárias. Os pressupostos metodológicos utilizados foram a partir da história social (Bloch, 2001; Braudel, 1965, 1978), principalmente, a partir do conceito da longa duração. Como principais resultados, destacamos o papel de Hildegarda como uma intelectual, historiadora e pesquisadora, preocupada em registrar suas descobertas, bem como defender o equilíbrio na tríade Deus – ser humano – natureza.

Palavras-chave: Hildegarda de Bingen, História Medieval, Deus, Ser Humano, Natureza.

Abstract: The goal of this paper was to examine the way Hildegard of Bingen (1098-1179) advocated balance in the established relationship from the triad God-Human Being-Nature and the interdependence between them. The selected sources were: a) Explicación del Credo de San Atanasio, que dió Santa Hildegarda a su Congregación de Hermanas; b) Libro de las Causas y Remedios de las Enfermedades. This study was supported by bibliographic research in primary and secondary sources. The methodological basis used was Social History (Bloch, 2001; Braudel, 1965; 1978), in particular the concept of long duration. As major results, we emphasize the role of Hildegard as an intellectual, historian and researcher, who was concerned with registering her discoveries, as well as defending the balance in the triad God-Human Being-Nature.

Keywords: Hildegard of Bingen, Medieval History, God, Human Being, Nature.

Introdução

“Que o Espírito Santo lhe dê dons, porque depois do meu fim minha voz não será mais ouvida. Mas que minha voz nunca seja esquecida entre vocês e frequentemente ressoe com caridade entre vocês” (Bingen, 2013a, p. 3, tradução nossa). Ao pensarmos em como os escritos da Antiguidade ou da Idade Média chegaram até nós, já que a

* Doutoranda em Educação (UEM, Maringá-PR). ORCID: 0000-0003-4975-2599 – contato: mizinhajimenez@gmail.com

** Doutora em História (UNIFESP, São Paulo-SP). ORCID: 0000-0001-5349-1059 – contato: teleoliv@gmail.com

“voz não será mais ouvida”, é impossível não pensar nos monges copistas, responsáveis pela reprodução, ou melhor, por copiar e preservar o conhecimento produzido pela humanidade. Duby (1989) apresentou a importância dos mosteiros para salvaguardar a cultura dos antigos e escrever a própria história vivenciada pelos monges. Foram os religiosos, a maior parte de dentro dos mosteiros, que nos deixaram registrada a própria história. É preciso atentar que o autor escreveu sobre os anos mil, em que as cidades ainda eram incipientes e os mosteiros eram lugares seguros para que a cultura aflorasse e a “[...] prática da História integrava naturalmente com a prática religiosa” (Duby, 1989, p. 15).

Os religiosos acreditavam que, ao retomar os autores clássicos, estavam contribuindo para a obra da salvação – do Reino de Deus; ao utilizar os exemplos morais, contribuíram para a formação do cristão virtuoso, isto é, os textos ensinavam e instruíam, em primeiro lugar, dentro dos mosteiros, para que, depois, fossem ensinadas ao povo (Duby, 1989). Nesse ponto, ao mesmo tempo que a humanidade se serve da História (exemplos e formas de impelir para o futuro), faz a própria história, assim como Nietzsche (2003) propôs.

Além dos exemplos adquiridos por meio do estudo dos autores clássicos, a sociedade medieval foi organizada sob os setenta e três preceitos da Regra Beneditina, a qual “dirige os costumes dos que a ela obedecem” (São Bento, 2020, p. 7). A vida monástica, principalmente a beneditina, era pautada pela busca do equilíbrio entre o trabalhar e o orar, baseada na humildade e na obediência como forma de encontrar a perfeição por meio da graça divina, única que poderia dar a sabedoria perfeita. De acordo com Le Goff (2013, p. 30), “[...] importava antes de tudo definir as regras de uma vida comunitária estável e solidamente estruturada [...]”, com papéis claros para cada pessoa que estava vivendo sob a Regra. Além disso, os beneditinos se “[...] caracterizam pela dedicação ao conhecimento e a assistência aos doentes” (Nogueira, 2020, p. 1).

Os mosteiros se constituíam como lugares seguros para a prática do conhecimento, mas, também, para se proteger contra saques, pilhagens ou violência física, sobretudo, para as mulheres, uma vez que não poderiam sair em peregrinação como os homens, o que não era seguro para elas (Duby, 1995). Todavia, não era qualquer mulher que poderia ser admitida – somente as nobres tinham lugar nos raros mosteiros femininos (Duby, 1995). É em um mosteiro beneditino, em Disibodenberg, hoje Odernheim am Glan (atual Alemanha), que Hildegarda de Bingen inicia sua vida religiosa e profética (Góngora, 1999).

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho foi analisar como Hildegarda de Bingen (1098-1179) defendeu o equilíbrio na relação estabelecida a partir da tríade Deus – ser humano – natureza e a interdependência entre eles. Os pressupostos metodológicos utilizados foram a partir da história social (Bloch, 2001; Braudel, 1965, 1978), principalmente do conceito da longa duração e da história como ciência dos homens no tempo (Bloch, 2001), em que o estudo histórico precisa ser contextualizado sob diferentes matizes (político, econômico e cultural, por exemplo) e não como fatos isolados e sem relação com a sociedade em que estão/estiveram inseridos. Dessa forma, só é possível analisar a partir de uma perspectiva histórica se conseguirmos enxergar a contribuição desses diferentes matizes, pois “[...] poucas ciências, creio, são obrigadas

a usar, simultaneamente, tantas ferramentas distintas. É que os fatos humanos são mais complexos que quaisquer outros. É que o homem se situa na ponta extrema da natureza” (Bloch, 2001, p. 59).

Esta pesquisa tem cunho bibliográfico e seguiu as seguintes etapas: a) leitura e fichamento das obras de Hildegarda de Bingen a partir do objetivo da pesquisa; b) levantamento bibliográfico no Portal de Periódicos da Capes, com login e senha da CAFE – Comunidade Acadêmica Federada –, recorte temporal dos últimos dez anos (2012-2022) e a utilização das palavras-chave “Hildegarda de Bingen”; “Hildegard von Bingen”; “Hildegarde de Bingen” e “Hildegard of Bingen”, em que foram lidos e fichados todos os artigos *open access*, totalizando trinta trabalhos; c) pesquisa sobre a tríade Deus – ser humano – natureza na obra *Explicación del Credo de San Atanasio, que dió Santa Hildegarda a su Congregación de Hermanas*, de Hildegarda de Bingen; d) discussão dos resultados encontrados na alínea “c” e considerações finais.

Para alcançar o objetivo proposto, o artigo está estruturado em três partes: na primeira, apresentamos breve introdução à Hildegarda de Bingen, situando-a como uma intelectual no século XII; na segunda, discutimos os pressupostos teórico-metodológicos que orientaram nosso trabalho; na terceira, analisamos como Hildegarda de Bingen (1098-1179) defendeu o equilíbrio na relação estabelecida a partir da tríade Deus – ser humano – natureza e a interdependência entre eles; e por fim, na quarta parte, teceremos nossas considerações finais.

O século XII e Hildegarda de Bingen

Hildegarda de Bingen nasceu no limiar do final do século XI para o século XII, em 1098, na cidade de Bermersheim, próxima ao Rio Reno, na atual região da Alemanha. O século de Hildegarda foi o século XII, considerado como um dos renascimentos da Idade Média sob uma perspectiva da longa duração da história (Le Goff, 2014), em que a cultura árabe, cujo contato ocorreu, principalmente por meio das Cruzadas, juntamente com traduções de obras clássicas – como as de Aristóteles – permitiram uma expansão cultural (Hijarrubia, 2013; Nogueira; Vasconcelos, 2022). Esse movimento culminou no fortalecimento da escolástica, no século XIII e o próprio surgimento das universidades, ainda no século XII, com a promulgação da *Authentica Habitas* pelo imperador Frederico Barba Roxa (1122-1190), entre 1155-1158.

Hildegarda viveu no momento da transição da Alta Idade Média (século V-XI) para a Baixa Idade Média (XI a XV). Estava entre dois mundos: o antigo (como as possíveis referências em suas obras aos pais da igreja, por exemplo, Agostinho) e o novo (renascimento do século XII), chegada das obras traduzidas de Aristóteles por meio do contato com os árabes, vivenciando o auge do Sacro Império Romano-Germânico (Cirlot, 2001). Hildegarda ingressou aos oito anos na ordem beneditina no mosteiro de Disibodenberg, sob cuidados de Jutta Sponheim (1091-1136) e em 1136 tornou-se abadessa da parte feminina do mosteiro, após a morte de Jutta (Pernoud, 1996). Embora se apresentasse como iletrada, somente iniciada nas noções básicas do latim e do salterio e que todo seu conhecimento seria por meio da Luz Viva – que a acompanhava

por meio de visões desde os três anos de idade (Echternach apud Cirlot, 2001) –, é considerada uma polímata, isto é, uma estudiosa que se interessou e estudou diversas áreas das ciências, desde as naturais e médicas até as composições musicais ou teatrais (Nogueira; Vasconcelos, 2022; Boboc, 2013).

Nogueira e Vasconcelos (2022) destacam a erudição de Hildegarda, que conhecia desde o pensamento de seus contemporâneos, como Hugo de São Vitor (1096-1141), Constantino Africano (1020-1087) ou dos autores clássicos, como Isidoro de Sevilha (636 EC), Agostinho de Hipona (354-430), João Escoto Erígena (810-877) ou, ainda, os escritos médicos de Galeno (129-216), Plínio (79 EC) e até mesmo os de Trotula de Salerno (1050-1097).

Nesse sentido, utilizando a categorização proposta por Brochieri (1989), Hildegarda de Bingen seria uma “intelectual fraca”, isto é, que não vivia de ensinar seus conhecimentos – como uma professora –, mas utilizava sua capacidade intelectual para a vida prática do mosteiro, preocupada com a organização e conservação da sociedade e do bem coletivo. No entanto, por meio de suas obras podemos observar a própria história do século XII sendo escrita, inclusive, com as ideias que permearam seu tempo, como, por exemplo, a totalidade do ser humano, que é corpo e alma, bem como a relação estabelecida com o criador e a própria natureza.

Nas obras de Hildegarda, é possível perceber como a totalidade do ser humano é compreendida como, por exemplo, no *Livro dos Méritos da Vida*, em que ela defendeu que a penitência para o vício da depressão não deveria ser feita mortificando o corpo. Deveria ser feita por meio de orações e por meio do acolhimento da doença da alma, pois uma alma doente não poderia suportar os castigos físicos e a mortificação não é agradável a Deus, que não criou o ser humano para sofrer (Bingen, 2014). Além da cura para as doenças da alma, Hildegarda se preocupou ainda com a cura do corpo, propondo tratamentos com elementos da natureza, como plantas medicinais e o uso de pedras, preservados nos livros *Physica* e *Causa et curae* (1141-1158). Para Nussbaum (2014), Hildegarda seria uma médica-jardineira que, por meio da observação de pessoas doentes e das próprias plantas, propunha tratamentos, considerando a totalidade do ser humano (corpo e mente), concepção que norteou a construção deste artigo.

A longa duração como forma de “historiar”

Nietzsche (1844-1990), ao discutir sobre o valor e a falta de valor da história, em seu texto *Segunda consideração intempestiva: utilidade e a desvantagem da História para vida*, propõe-nos uma reflexão sobre o valor e a falta de valor da história em que somente faria sentido o estudo historiográfico se estivesse em sintonia com a vida em ação, uma vez que a instrução precisa ser vivificada, de modo a mudar o nosso jeito de agir (Nietzsche, 2003).

O ser humano se torna humano à medida em que faz a história a partir de suas experiências; sendo assim, sua existência seria um “imperfectum que nunca pode ser acabado” (Nietzsche, 2003, p. 8). Para o autor, o ser humano, como um ser histórico, pensa o passado como um processo, uma possível forma, ou exemplo, para compreender

o presente e impelir ou desejar um futuro. Ao mesmo tempo em que está se servindo da história, a está servindo, ao fazer a própria história e a história de um povo, da própria sociedade.

Dessa forma, a história está a serviço do presente e do futuro, mas não para enfraquecê-los, apenas para lembrar que é impossível viver sem o passado, pois somos o resultado dele (Nietzsche, 2003). Nessa mesma linha de argumento sobre a relevância da História, Mendes (2011) destaca que o estudo do passado se justifica por alguma questão do presente; todavia, ressalta que as “atuais fontes” foram escritas para resolver a situação de determinada época e/ou sociedade, isto é, não deveriam determinar nem o presente nem o futuro, uma vez que são datadas historicamente.

Considerando a máxima apresentada por Mendes (2011) de que é o pesquisador quem atribui valor ao passado, podemos observar como Nietzsche (2003) buscou na Antiguidade clássica exemplos ou modelos das instituições sociais a fim de refletir sobre a sociedade do final do século XIX e como o fazer histórico fez e faz parte da vida do ser humano. Nesse sentido, podemos aproximar o pensamento de Nietzsche (2003) ao conceito de longa duração proposto pelo historiador francês Fernand Braudel (1902-1985), em que “[...] o entendimento útil deveria fazer-se (digo-o e repito-o insistindo) sobre a longa duração, essa estrada essencial da história, não a única, mas que coloca por si só todos os grandes problemas das estruturas sociais, presentes e passadas. É a única linguagem que liga a história ao presente, convertendo-a em um todo indissolúvel” (Braudel, 1978, p. 8). A longa duração é entendida como um processo, “um tempo mais lento”, em que os acontecimentos do presente, por exemplo, não têm um fim em si mesmos, mas remetem ao passado e se constituem como uma possibilidade para o presente (Braudel, 1965, p. 263; 1978).

Le Goff (2013), ao apresentar a possibilidade de uma longa Idade Média, defendeu a importância e o porquê de estudar a história como processo de longa duração, uma vez que as raízes da Idade Média são a base da sociedade atual e a importância de compreendê-las reside no fato que, conseqüentemente, compreendermo-nos dentro de nossa historicidade. Para o autor, “[...] a longa duração pertinente da nossa história – para nós enquanto homens de profissão e homens vivendo no fluxo da história – me parece ser esta longa Idade Média que durou desde o século II ou III da nossa era para morrer lentamente sob os golpes da Revolução Industrial – as revoluções industriais – entre os séculos XIX e nossos dias” (Le Goff, 2013, p. 10).

Entendendo a importância de pensar a história a partir da longa duração e da importância de exemplos para refletir sobre o presente e da própria Idade Média, o objetivo deste trabalho foi analisar como Hildegarda de Bingen (1098-1179) defendeu o equilíbrio na relação estabelecida a partir da tríade Deus – ser humano – natureza e a interdependência entre eles. As fontes escolhidas foram: a) *Explicación del Credo de San Atanasio, que dió Santa Hildegarda a su Congregación de Hermanas*, tradução do texto em latim para o espanhol realizada por Rafael Renedo Hijarrubia¹; b) *Libro de las Causas y Remedios de las Enfermedades*, tradução do texto em latim para o espanhol

1 A Associação Hildegardianas, na Espanha, disponibiliza a maioria das obras de Hildegarda traduzidas do latim para o espanhol, de maneira gratuita. Para mais informações, acesse: <http://www.hildegardiana.es/>

realizada por José María Puyol e Pablo Kurt Rettschlag. A primeira fonte foi escolhida pela inexistência de trabalhos acadêmicos dedicados ao seu estudo e por ter sido escrita ao final da vida de Hildegarda de Bingen, quando a monja beneditina assume um tom reflexivo sobre a relação entre Deus e o ser humano. Já a segunda obra é uma das mais estudadas no Brasil, assim como *Scivias*. No entanto, o que se propõe neste trabalho é o estudo do Livro I, a partir da análise da tríade Deus – ser humano – natureza.

A relação Deus – ser humano – natureza em Hildegarda de Bingen

Explicación del Credo de San Atanasio, que dió Santa Hildegarda a su Congregación de Hermanas foi escrita já no final da vida de Hildegarda, endereçada para suas irmãs do mosteiro de São Rupertsberg, fundado pela própria Hildegarda quando se separou do mosteiro de Disibodenberg, em 1150. A obra – escrita em 1165 – funcionou como uma reflexão sobre a decisão de se mudar do mosteiro de Disibodenberg e a tentativa de se reconciliar com sua *alma mater*. A obra é composta por três cartas em que Hildegarda tentou preparar as irmãs para viverem sem sua presença, tendo em vista as ter conduzido por mais de quarenta anos, contando os anos em que fora abadessa em Disibodenberg. Refletiu, também, sobre questões pertinentes relacionadas ao nosso tema Deus – ser humano – natureza e a interdependência entre eles, principalmente sobre Deus e o ser humano.

Hildegarda (2013a) apresentou primeiro o conceito da Trindade, que é Deus uno em três pessoas distintas: Pai, Filho e Espírito Santo, e que a obra de criação divina foi concebida para o ser humano desde o princípio, pois “[...] criou o céu e a terra e todas as criaturas por causa do homem²” (Bingen, 2013a, p. 17, tradução nossa). O tema da trindade apareceu em outras obras de Hildegarda, sobretudo em uma carta enviada, em 1175, a Guibert de Gembloux (1124-1214), em que explicou ao monge belga como recebia suas visões (Cirlot, 2001). Hildegarda explicou a Trindade a partir da metáfora do fogo: é impossível queimar sem o ar; as chamas vermelhas e douradas só são assim pela força do próprio vento (ar) e, todavia, não há como separar estas características do fogo. Assim,

[...] a fé é que há um só Deus na Trindade de pessoas, e que a Trindade adora um só Deus, sem confundir a divisão da unidade, porque um só Deus de uma única substância é Divindade inseparável. Pois em sua substância o Pai não é outro, nem outro é o Filho, nem outro é o Espírito Santo, nem na sua substância de sua Divindade podem se separar um do outro, por outro lado o Pai, Filho e Espírito Santo são uma Divindade de substância única em glória de sua majestade. Porém, uma é a pessoa do Pai, que não é a pessoa do Filho nem a pessoa do Espírito Santo; outra é do Filho, que não é o Pai, nem o Espírito Santo; e outra é do Espírito Santo, que não é nem o Pai nem o Filho; e única é a inseparável Divindade das três pessoas de igual honra e poder estável, coeterna e invencível (Bingen, 2013a, p. 7, tradução nossa).

2 Mantivemos a utilização de “homem”, nas citações diretas, tendo em vista que Hildegarda o utilizava para se referir ao ser humano integral, em suas obras. Hildegarda somente utilizava a distinção de gênero ao tratar das especificidades e diferenças biológicas e de temperamento entre homens e mulheres.

Nesse excerto, podemos observar uma das bases da fé cristã, a crença em um Deus uno e trino ao mesmo tempo, em que Pai e Espírito Santo são uno, por meio do Filho: Jesus, que carrega em si a divindade e a humanidade (Bingen, 2013a). A partir disso, Hildegarda apresentou o conceito de ser humano, que também é uno, em corpo e alma, fé e razão. Um dos exemplos citados por ela é o de que, se o ser humano perder um membro de seu corpo, como uma mão, sua alma não será dividida – não perderia uma parte dela em igual proporção ao membro perdido –; isto é, ela permaneceria una e indivisível.

Como o ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus, possuímos a divindade em nós, dada por Jesus – o ser humano perfeito. Assim, “[...] o homem é obra plena de Deus porque Deus está sempre trabalhando nele” (Bingen, 2013a, p. 4, tradução nossa). Embora o ser humano viva na vida terrena, seu destino é a santidade, é alcançar a vida eterna e nossa divindade reside na própria racionalidade que compartilhamos com Deus: “[...] o homem é racional segundo Deus, e a racionalidade do homem soa como o vento com o fogo. Assim, a racionalidade é uma grande força ígnea e indivisível, e se não fosse ardente não ressoaria” (Bingen, 2013a, p. 8, tradução nossa). Ainda sobre a totalidade do ser humano, Hildegarda defendeu a indissociabilidade entre fé e razão:

[...] e quem duvida disso nega-se a si mesmo e não crê nas duas naturezas, corpo e alma, são um só homem por três maneiras, porque se faltar uma das três que são parte do homem: alma, corpo e racionalidade, ‘não é um homem’. Pois o homem racional está na alma, que aperfeiçoa algumas coisas no corpo com o som das palavras (Bingen, 2013a, p. 13, tradução nossa).

Dessa forma, para o pensamento medieval, era inconcebível a separação entre fé e razão, pois são parte integrantes e indivisíveis para alguém se constituir como ser humano. Outro ponto que Hildegarda (2013a) destacou é o de que, por meio dos cinco sentidos (visão, audição, olfato, paladar e tato), mediados pela racionalidade, o ser humano alcançaria o conhecimento. Novamente, temos a união da matéria (sentidos) com o intelecto (racionalidade), formando um ser humano integral, em sua totalidade, uma vez que “[...] a carne do homem está totalmente permeada pela alma em todas suas veias e nervos” (Bingen, 2013a, p. 4, tradução nossa).

Para desenvolver toda a potencialidade divina que está latente nos seres humanos, Deus enviou as virtudes, a fim de ajudá-los a se fortalecer, alcançar a vida eterna e não sofrer ou se perder na vida terrena (Bingen, 2013a). Para Hildegarda (2013a), as virtudes já estavam expressas nas cores do arco-íris, logo após o dilúvio, que simbolizava a aliança entre Deus e a humanidade. As virtudes estiveram ligadas ao convívio social, mediando as relações humanas, e seguiam uma longa tradição das virtudes cardeais – justiça, tolerância, prudência e força – inspiradas em ideias platônicas; no entanto, foram as virtudes teológicas – fé, esperança e caridade, que dominaram o ideário medieval (Newman, 2017).

Por meio das virtudes, homens, criaturas e até os anjos se submeteram a Deus: “[...] por meio dessas duas virtudes, sabedoria e caridade, os anjos e os homens se submetem humildemente a Deus, pois a humildade se inclina com frequência à honra de Deus e nela se aglutinam todas as outras virtudes” (Bingen, 2013a, p. 4, tradução nossa). Há

que se destacar que a humildade era a base da Regra de São Bento e foi descrita por Hildegarda em seu primeiro livro *Scivias*, como a “rainha das virtudes” (Bingen, 2017). Nesse sentido, assim como a Regra, as virtudes: sabedoria, caridade e humildade foram dadas aos seres humanos para que entendessem “[...] de que modo deveriam viver [...]” (Bingen, 2013a, p. 4, tradução nossa).

Embora a *Explicación del Credo de San Atanasio, que dió Santa Hildegarda a su Congregación de Hermanas* tenha focado mais no ser humano e em sua relação com Deus, a natureza foi personificada na criação das criaturas, as quais seriam conhecidas pelo ser humano por meio de sua “alma” e “[...] nelas encontraria alegria e gozo [...]” (Bingen, 2013a, p. 4, tradução nossa). Deus criou todas as criaturas submissas ao ser humano, dotado da natureza divina, mas que também dividia a própria natureza com todas as criaturas criadas: “[...] porque as criaturas estão no homem como as ramas de uma árvore, porque o homem não foi criado sem o resto das criaturas, igual as árvores não foram criadas sem ramas” (Bingen, 2013a, p. 13, tradução nossa). Destacamos a vinculação entre Deus – aquele que dá vida –, o ser humano – que é criado e usufrui da vida – e a natureza, que é criada para servir ao mesmo tempo que faz parte do ser humano e do próprio Deus que a criou.

Apesar de todas as criaturas terem sido criadas para servirem ao ser humano, Deus utilizou sua própria criação para avisar sobre a vinda da redenção por meio da humanidade de Jesus: “assim como o sol ilumina o mundo inteiro através do firmamento e se mantém intacto, o Sol da Justiça que proveio da Virgem intacta ilumina o mundo inteiro” (Bingen, 2013a, p. 5-6, tradução nossa). A utilização de metáforas com a natureza ou elementos da criação é comum na obra de Hildegarda. Um dos exemplos está descrito no *Scivias*, quando compara o sêmen masculino às qualidades do leite, de modo a demonstrar como a vida seria gerada no ventre da mulher (Bingen, 2017) e que só haveria a fecundação caso o homem já tivesse maturidade para o ato sexual (Oliveira, 2019).

No entanto, a natureza exerceu mais influência na obra de Hildegarda que a utilização de metáforas. Hildegarda foi considerada como uma naturalista e também médica natural (Nogueira, 2020; Nogueira; Vasconcelos, 2022; Nussbaum, 2014), que exercia a “cura” por meio do equilíbrio entre alimentação, descanso e utilização de plantas ou outros elementos naturais no tratamento das diferentes doenças. No pensamento hildegardiano, o ser humano deveria utilizar-se da obra da Criação de Deus, inclusive outras criaturas, para ajudá-lo em sua saúde, como já havia explicada em sua *Vita* (Echternach apud Ciriot, 2001).

Hildegarda escreveu duas obras dedicadas às ciências naturais e à medicina natural: *Physica* e *Physica e Causa et curae (Libro de las Causas y Remedios de las Enfermedades)*, escritos entre 1141-1158. Essas obras, diferentemente, da *Explicación del Credo de San Atanasio, que dió Santa Hildegarda a su Congregación de Hermanas*, não fazem parte das obras teológicas de Hildegarda e não estão no *Riesenkodex* ou *Código Gigante*³, pois são

3 Logo após sua morte, as freiras, com a supervisão de Guibert de Gembloux, reúnem sua obra teológica e correspondências no *Riesenkodex*, que está disponível para download no site: <https://hlbrm.digitale-sammlungen.hebis.de/urn:nbn:de:hebis:43-972>

fruto de pesquisas, estudos e observações, isto é, não foram inspiradas por Deus. De acordo com Pernoud (1996) e Fraboschi (2012), foram os únicos tratados de medicina ou ciências naturais com autoria conhecida; já havia coisas semelhantes entre os árabes, no Oriente, mas, no Ocidente, a obra dela é única. O *Libro de las Causas y Remedios de las Enfermedades* é dividida em cinco livros: I, a Criação e sua influência no Ser Humano; II, Secreções Internas, funcionamento e disfunções. Reprodução. Homens e Mulheres; III, Os remédios; IV, Mais remédios; e V, Sinais de vida e morte. Neste trabalho, nosso foco será sobre o Livro I, em que Hildegarda apresentou a estreita relação entre a criação – feita por Deus – e sua influência sobre o ser humano.

Para Hildegarda (2013b), o ser humano possui todas as criaturas e a própria criação dentro de si, em uma unidade, assim como divindade, uma vez que foi criado à imagem e semelhança de Deus, como foi descrito nesta passagem: “Oh, ser humano! Contempla ao ser humano que aloja em si o céu, a terra e as outras criações, e é uma forma que tem dentro de si todas as coisas” (Bingen, 2013b, L. I, 4, §4º, p. 28, tradução nossa). Da mesma forma que o ser humano não poderia perder a sua natureza divina, não conseguiria se separar da obra da criação.

O ser humano possuiria os quatro elementos – água, terra, fogo e ar – dentro de si, por meio dos cinco sentidos, uma influência da teoria dos quatro humores de Hipócrates (460 a.C. – 370 AEC), que definiu os temperamentos nas categorias sanguíneo, fleumático, colérico e melancólico (Maddocks, 2013). Aqui, Hildegarda (2013b) apresentou como os elementos influem no temperamento, comportamento físico e emocional dos homens, separando-os de acordo com as qualidades: quente e frio; seco e úmido. Um exemplo dessa separação foi apresentado ao descrever as fases da Lua: “e como a lua tem essas fases, assim também a humildade do homem tem turnos e trocas na dor, no trabalho, na sabedoria e na prosperidade” (Bingen, 2013b, L. I, 37, §2º, p. 37, tradução nossa).

Da mesma forma que os elementos influenciavam a vida dos homens, eram/foram influenciados pelas atitudes humanas. Destacamos a preocupação de Hildegarda (2013b) na responsabilidade que o ser humano teria com a obra da criação e com as outras criaturas, as quais estavam sob seu domínio, mas era necessário prudência para utilizá-las, isto é, era preciso ser uma pessoa virtuosa para aproveitar das obras divinas. Em uma relação dialética, a natureza também poderia dar sinais, inclusive castigos, devido ao mau comportamento da humanidade, principalmente, pela prática dos pecados: “[...] essas tempestades ocorrem frequentemente por juízo de Deus por causa dos pecados passados por causa do mal perpetuado pelos homens, ou para manifestar futuros perigos e guerras, de fome ou de morte repentina. Porque todas as nossas obras influenciam os elementos e por isso se agitam, porque nossas obras também se desenvolvem com os elementos” (Bingen, 2013b, L. I, 9, p. 28, tradução nossa). É importante notar que não seriam premonições ou previsões do futuro e, sim, uma relação de causa e consequência:

[...] significado das estrelas. Muitas vezes, as estrelas mostram numerosos signos segundo os homens se comportam em suas obras. Todavia, esses sinais não mostram o futuro nem o pensamento dos homens, mas somente que o homem faz com ostensiva vontade, da voz ou da obra, porque o ar recebe essas sensações. E isso é transmitido às estrelas, que de pronto mostram as obras dos homens. Deus criou as estrelas a serviços dos homens, porque lhes daria luz e lhes serviriam de ajuda. E, por isso, dão

conta de suas ações, como o escravo que faz passivamente a vontade de seu senhor. E assim como a alma e o corpo do homem brilha primeiro e depois se lança ao trabalho, assim também as estrelas brilham no firmamento e mostram as obras dos homens, quando o homem já está em processo para executá-las. (Bingen, 2013b, L. I, 35, p. 36, tradução nossa).

Por fim, Hildegarda (2013b) dedicou-se a descrever as utilidades, benefícios ou malefícios e usos de diversos elementos para a saúde do ser humano. Por exemplo, ao tratar dos diferentes tipos de água – desde aquelas vindas de fontes até à água salgada –, ela descreveu como cada uma deveria ser utilizada para o consumo humano ou cultivo de plantas e, ainda, se poderia ou não consumi-los. Assim, “[...] o sabor de suas águas é adequado e são proveitosas para o homem e os animais; são boas para comer, beber, tomar banho, lavar e são úteis para alguns usos medicinais” (Bingen, 2013b, L. I, 52, §52, p. 42, tradução nossa). A parte final do Livro I foi uma pequena introdução para o próximo livro, voltado à análise do ser humano, como a descrição da reprodução e o gênero – masculino e feminino.

Considerações finais

Refletir sobre a história e sobre o fazer história é uma via de mão dupla, pois, à medida que a estudamos, também a fazemos, assim como discutimos no início deste trabalho, a partir de Nietzsche (2003). Ao retomar o pensamento de Hildegarda de Bingen, retomamos e imaginamos – nas palavras de Duby (1989) – o próprio século XII, os pensamentos e ideias que circularam e moldaram os homens daquele tempo, uma longa tradição de conhecimento.

Sendo os seres humanos que fazem a história, consideramos Hildegarda como uma historiadora do seu tempo, tendo em vista a preocupação que teve em deixar registrados seus estudos sobre a natureza ou funções curativas das plantas. Por meio de sua obra, entendemos como a tríade Deus – ser humano – natureza era importante ao medievo, pois sua obra defendeu a interdependência entre eles e a própria unidade que compartilham, assim como a Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo). Outro ponto que destacamos é a necessidade do equilíbrio entre eles, principalmente, ser humano e natureza, já que são influenciados e influenciam um ao outro.

Nesse sentido, atingimos nosso objetivo ao demonstrar como Hildegarda entendeu a relação entre Deus, ser humano e natureza, ao torná-los trinos e unos, influenciáveis e influenciados, em acordo com a própria Regra de São Bento à medida que defendeu o equilíbrio entre eles é a medida para a manutenção da própria sociedade do século XII. A relação entre o ser humano e a natureza poderia ser resumida na noção de micro e macrocosmos (Maddocks, 2013). O ser humano seria um microcosmo que carregaria em si todas as características da criação (macrocosmo). Ressaltamos que nenhum desses termos se encontram na obra de Hildegarda; no entanto, são lugares comuns na crítica especializada (Dronke, 1988; Maddocks, 2013; Newman, 2017).

Para os beneditinos, era preciso encontrar o equilíbrio entre a vida contemplativa (orar) e a vida ativa (trabalhar), o que podemos observar na obra de Hildegarda, escrita em meio as atividades de abadessa, intercalando com viagens e momentos dedicados à

observação e ao estudo. Desse modo, exerceu o papel de historiadora de seu tempo e o de intelectual, preocupada com as questões de sua época, como, por exemplo, o uso da água correta para o consumo, a fim de manter a saúde de sua comunidade. Como a segunda obra escolhida não foi fruto de suas visões ou inspiração divina, consideramos Hildegarda como uma investigadora e pesquisadora, alguém que obteve conhecimento pela observação e prática, de modo a conciliar com o possível conhecimento acadêmico e cultural que teria.

Ao refletir sobre a relação causa e consequência da ação dos seres humanos na natureza, aproximamo-nos de um conceito fundamental para Hildegarda, chamado *viriditas*, em que todas as criaturas possuem uma força vital dentro de si. Embora cada criatura possua *viriditas* de uma maneira singular, ao se relacionar com outras, o que prevalece é o seu caráter complementar, a fim de manter o equilíbrio na natureza. Como *viriditas* é este sopro vital inspirado por Deus, novamente, temos a relação Deus – ser humano – natureza, em que o primeiro infundiu essa força tanto no segundo como no terceiro, mas como cada um irá reagir, depende, exclusivamente, de o segundo em realizar escolhas virtuosas.

Referências

BINGEN, Hildegarda de. Explicación del Credo de San Atanasio, que dió Santa Hildegarda a su Congregación de Hermanas. Tradução Rafael Renedo Hijarrubia. Madri: Hildegardianas, 2013a. Disponível em: www.hildegardiana.es/obras. Acesso em 07 maio 2020.

BINGEN, Hildegarda de. I – A Criação e sua influência no ser humano. In: BINGEN, Hildegarda. Libro de las Causas y Remedios de las Enfermedades. Tradução José María Puyol e Pablo Kurt Rettschlag. Madri: Hildegardianas. 2013b. Disponível em: <http://www.hildegardiana.es/35causae.html>. Acesso 14 ago. 2022.

BINGEN, Hildegarda de. Libro de los méritos da vida. Tradução Rafael Renedo Hijarrubia. Madri: Hildegardianas, 2014. Disponível em: www.hildegardiana.es/obras. Acesso em 07 maio 2020.

BINGEN, Hildegarda de. Scivias (Scito vias Domini): Conhece os caminhos do Senhor. São Paulo: Paulus, 2017.

BLOCH, March. Apologia da história ou o ofício de historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOBOC, Andreea. Teaching off the Literary Grid with Hildegard of Bingen's Physica. Pedagogy: Critical Approaches to Teaching Literature, Language, Composition, and Culture, v. 13, n. 2, Carolina do Norte/USA/Duke Press University, p. 321-335, 2013. Disponível em: <https://read.dukeupress.edu/pedagogy/article-abstract/13/2/321/20381/Teaching-Off-the-Literary-Grid-with-Hildegard-of>. Acesso em 14 de agosto de 2022.

BRAUDEL, Fernand. História e ciências sociais – a longa duração. Revista de História, n. 62, v. XXX, São Paulo, abril-junho, 1965.

BRAUDEL, Fernand. História e tempo presente. In: BRAUDEL, Fernand. Escritos sobre a história. São Paulo: Perspectiva, 1978.

BROCCHIERI, Mariateresa Fumagalli Beonio. O Intelectual. In: LE GOFF, Jacques. O homem medieval. Lisboa, Editorial Presença, 1989.

CIRLOT, Victoria. Vida y visiones de Hildegard Von Bingen. Madri: Ediciones Siruela, 2001.

DUBY, Georges. El año mil. México: Gedisa Mexicana, 1989.

DUBY, Georges. As damas do século XII: Heloísa, Isolda e outras damas. São Paulo, Cia das Letras, 1995.

ECHTERNACH, Theodorich. Vida. (páginas 35-91). In: CIRLOT, V. Vida y visiones de Hildegard Von Bingen. Madrid: Ediciones Siruela, 2001.

FRABOSCHI, Azucena, Adelina. Santa Hildegarda de Bingen: doctora da Igreja. Buenos Aires: Mino y Davila Editores, 2012.

GÓNGORA, María Eugenia. Hildegard von Bingen: una introducción. Revista Chilena de Literatura, n. 62, Chile, p. 121-125, abril 2003. Disponível em: <https://revistaliteratura.uchile.cl/index.php/RCL/article/view/1653/1533>. Acesso em 14 de agosto de 2022.

HIJARRUBIA, Rafael, Renedo. Panorámica del contexto histórico. In: BINGEN, Hildegarda. Libro de las obras divinas. Tradução Rafael Renedo Hijarrubia. 2013. Disponível em: www.hildegardiana.es/obras. Acesso em 14 maio 2020.

LE GOFF, Jacques. Nota sobre a sociedade tripartida: ideologia monárquica e renovação econômica na Cristandade do século IX ao século XII. In: LE GOFF, Jacques. Para uma outra Idade Média: tempo, trabalho e cultura no Ocidente (18 ensaios). Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2013.

LE GOFF, Jacques. Os intelectuais na Idade Média. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2014.

MADDOCKS, Fiona. Hildegard of Bingen: the Woman of her age. London/UK: CPI Group, 2013.

MENDES, Claudinei Magno Mendes. A importância da pesquisa de fontes para os estudos históricos. Acta Scientiarum. Education, v. 33, n. 2, Maringá, p. 205-209, 2011. Disponível:

https://www.researchgate.net/publication/270936917_A_importancia_da_pesquisa_de_fontes_para_os_estudos_historicos/link/55b6eb3508aed621de0441a3/download. Acesso em 12 ago. 2022.

NEWMAN, Barbara. Introdução. In: BINGEN, H. Scivias (Scito vias Domini): Conhece os caminhos do Senhor. São Paulo: Paulus, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

NOGUEIRA, Clarissa W Mendes. A redescoberta da medicina natural de Hildegarda de Bingen, doutora da Igreja do século XII. Boletim da FCM, v. 12, n. 5, São Paulo/ Unicamp, 2020. Disponível em:

https://www.fcm.unicamp.br/boletimfcm/mais_historia/redescoberta-da-medicina-natural-de-hildegarda-de-bingen-doutora-da-igreja-do-seculo. Acesso em 14 de agosto de 2022.

NOGUEIRA, Maria Simone Marinho; VASCONCELOS, Ana Rachel G.C. de.

Ciência e fé em Hildegard von Bingen. *Basiliade – Revista de Filosofia*, v. 4, n. 8, Curitiba, p. 57-72, jul./dez.2022. Disponível em: <https://fasbam.edu.br/pesquisa/periodicos/index.php/basiliade/article/view/411>. Acesso em 14 de agosto de 2022.

NUSSBAUM, Abraham. When the doctor is a gardener: Victoria Sweet, Hildegard of Bingen, and the genres Physician-Writers. *Literature and Medicine*, v. 32, n. 2, 2014, p. 325-347.

PERNOUD, Regine. Hildegarda de Bingen: a consciência inspirada do século XII. Rio de Janeiro, Rocco, 1996.

OLIVEIRA, Terezinha. Hildegard de Bingen: uma intelectual diante da religião – conhecimento e política. *Rev. Diálogo Educ.* [online]. 2019, vol.19, n.63, pp.1335-1357. Epub 30-Ene-2020. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1981-416x2019000401335&lng=es&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em 15 fev. 2020.

SÃO BENTO. Regra do glorioso Patriarca São Bento. Tradução e notas de Dom João Evangelista Enout. Abadia São Geraldo. Edição online somente em português. Disponível em: <https://docplayer.com.br/54192982-Regra-do-glorioso-patriarca-sao-bento-dom-joao-evangelista-enout-o-s-b-traducao-e-notas.html>. Acesso em 23 jun. 2020.

Recebido em: 20/01/2023

Aprovado em: 20/10/2023

Editor responsável: Fábio L. Stern